CADERNOS AH!

#34

SEGREDOS DE UM PÁTIO DE PRISÃO

ROSA LUXEMBURGO

Segredos de um pátio de prisão
Rosa Luxemburgo

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Fotografia da capa: autor desconhecido, Rosa Luxemburgo, 1895.

Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma revolucionária alemã.

Outubro de 2025

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

À senhora Hanna-Elsbeth Stühmer, nascida Dossmann,
em singelo agradecimento pelo maravilhoso vaso de jacintos.

A primeira vez que desci ao pátio, conhecido por Lazaretthof, para apanhar sol, no tempo em que fui prisioneira política da Barnimstraße, encontrei uma senhora de formas voluptuosas e elegantemente vestida. Nos dedos e sobre o peito, as jóias reluziam a cada movimento. Sisuda, de lábios generosos e testa franzida, caminhava incansável pelo exíguo pátio, sempre em círculos, olhos colados ao chão, com o passo marcado das suas ultramodernas tamancas de salto, como se protestasse contra a amarga injustiça do mundo e das autoridades militares. Quando deu pela minha insignificante presença, examinou-me durante algum tempo com um

olhar semicerrado e apresentou-se de seguida, queixando-se com alarde do seu sofrimento. Um caso típico: amigas ciumentas, vingança antiga, denúncia anónima por sentimentos hostis à Alemanha, detenção, prisão preventiva… «E agora aqui estou eu, neste buraco miserável, presa nos mais belos dias de Verão, logo eu que não sobrevivo sem a natureza!» E contou-me que todos os anos gastava uma fortuna numa viagem aos Alpes do Tirol só para apreciar o crepúsculo. Eram crepúsculos que conseguiam levá-la às lágrimas…

A senhora tinha, obviamente, a inabalável convicção de que a natureza começava no Tirol, e justamente com um esplendoroso pôr-do-sol. Se alguém lhe dissesse que, aqui mesmo na Barnimstraße 10, onde passa os seus dias de manhã à noite, estava no meio da natureza, acharia por certo que estariam a gozar com dela. Calei-me, sorri educadamente e despedi-me.

Agora, cara senhora, gostaria de convidá-la para um pequeno passeio neste pequeno reino da natureza. Não estou familiarizada com a sua doçura natural própria, mas que importa? Sei o suficiente para pressentir o seu encanto. Permita-me que cante como Leporello, no *Don Juan* de Mozart, quando desenrola o seu famoso «catálogo» na presença de dona Elvira: «Minha nobre senhora/ Contemple e leia comigo/ Contemple/ E leia comigo.»

Todos os 365 dias do ano, a primeira imagem da manhã é a parede cinzenta ao fundo, velha, com letras garrafais a desbotar: «Fábrica de Vinagre Timners.» A negra chaminé do edifício sopra zelosamente o seu fumo contínuo, inundando a prisão de um leve odor agridoce que, nos dias nublados, costuma irritar a garganta. À direita e à esquerda da fábrica, uma paleta multicolorida de blocos de apartamentos, com pequenas janelas adornadas com toscos vasos de gerânios, gaiolas de canários e roupas de bebé, de onde se ouve, à vez, o choro de uma criança, desacatos e pancadaria, o dedilhar de uma guitarra ou o chiar de um gramofone.

Conhece, cara senhora, a peça *Phantasius,* de Arno Holz? O início diz assim:

O telhado erguido quase às estrelas.
Os ruídos secos da fábrica das traseiras.
Um verdadeiro cortiço de miséria,
Com um corredor e música de realejo!

Ninhos de ratos na cave.
Aguardente, grogue e cerveja no piso térreo.
E daí até ao quinto andar
Mora toda a miséria do bairro.

Mas todas as manhãs, por cima da silhueta torta desses telhados, todos virados a leste, desponta um espectáculo, o mais belo e sublime desde a criação do mundo: o nascer do sol.

Final do Outono, cinco e meia da manhã. O edifício ainda dorme – um segundo apenas de sossego que sobra antes do colérico ruído metálico, os estalidos, o chocalho das chaves, a revoada de quinhentas criaturas humanas que invade a calmaria nocturna, como uma onda impaciente que irrompe por todos os recantos desta enorme construção. Só um segundo. Será que consegue, cara senhora, neste último suspiro da noite moribunda, distinguir a minúscula silhueta de um pássaro a cintilar sobre a cumeeira do edifício? Consegue ouvir o seu doce chilrear? É o estorninho que, todas as manhãs, me acompanha no grandioso espectáculo.

Ei-lo, está a começar! Vê, cara senhora, como para lá da fábrica de vinagre a cinza escura do céu enrubesce? De súbito, um clarão rosa é lançado ao alto, incendiando todo um ajuntamento de pequenas nuvens, cada vez mais vigorosamente, até ao braseiro fulgurante. Já meio céu está em chamas, a espalhar tochas de fogo. E no centro, precisamente sobre a chaminé da fábrica de vinagre, o primeiro raio dourado irrompe resplandecente através da rubra maré.

Parece uma abertura de Wagner. De início, só os violinos vibram escala abaixo a partir dos tons mais agudos, cada

vez mais apressados, cada vez mais urgentes… De seguida, o som poderoso do oboé ataca o mote, e juntam-se depois os contrabaixos, as flautas, os clarinetes, e retumbam então os timbales, e por fim *tutti*, toda a orquestra ruge nas alturas – um triunfo, um júbilo, um hino! Do mesmo modo, anda que em silêncio, toca, triunfa e jubila no céu a orquestra das cores por cima dos sorumbáticos muros da Barnimstraße. O sol, o sol desponta por cima da fábrica de vinagre! Saúdo-te, meu velho, meu eternamente jovem, saúdo-te, meu sol! Se não me queres senão bem, se posso contemplar a tua face dourada, que me importam as grades e os cadeados? Não serei livre como aquele pássaro no telhado que te exulta, agradecido, como eu? Se porventura, no fogo de uma revolução russa, me levarem à forca, bastar-me-á que brilhes para mim no pesado calvário e caminharei feliz e sorridente até à minha derradeira elevação, como se me dirigisse para o banquete de um casamento.

Sete horas. Já me é permitido descer ao pátio, onde permaneço sozinha até às dez. Cara senhora, acompanha-me? Aqui em baixo podemos ver um simples quadrado de relva, só com um grande olmo solitário ao centro e alguns arbustos em redor. Tão só isso. Mas quanta abundância quando olhamos de perto!

Aqui mesmo, na relva orvalhada, se fizer o favor de se agachar, cara senhora! Veja quantas folhas de trevos! Repare

na sua estranha e vaga iridescência – azulada, rosada e madrepérola. O que será que a produz? Cada folhinha está coberta por minúsculas gotas de orvalho, onde reflete oblíqua a luz matinal, infundindo-lhes este brilho irisado. Quer experimentar compor um ramo com estes singelos trevos de três folhas? Ficam encantadores num pequeno vaso ou numa jarra. Parecem todos iguais mas, olhando de perto, cada folhinha apresenta uma pequena singularidade, tal como, na verdade, não há duas folhas idênticas numa árvore. Maiores ou mais pequenas, mais claras ou mais escuras, as folhas dos trevos, com a sua nobre forma oval, oferecem um variado quadro vívido. A primeira vez que enviei um desses raminhos de trevos à directora, desejando-lhe um bom dia, perguntou-me depois, curiosa, onde os havia encontrado. Mesmo as companheiras não faziam a mínima ideia do que crescia e florescia no pátio por onde se passeavam. Sempre que, com meios modestos e um pouco de habilidade, compunha um buquê vistoso, havia alguém que se espantava e perguntava: de onde veio isso? E não há dúvida de que, desde essa altura, os raminhos de trevos foram ganhando popularidade. Verifico com alegria que, nalgumas manhãs, uma ou outra companheira se curva no pátio para colher à pressa um punhado de trevos de três folhas…

Portanto, cara senhora, segure a saia e caminhemos com cuidado pela relva molhada até àquele arbusto ali adiante.

Conhece a veigela, o arbusto ornamental mais apreciado no Norte da Alemanha, com os seus cachos luxuriantes de delicados sininhos rosados? Não são perfumados, mas consolam os olhos e a grande ramagem verde não deixa também de ter sua beleza. As folhas novas do topo, como pode ver, erguem-se em pequenos embrulhos enrolados. Posso desviar um ramo para que veja melhor os embrulhos? Observe cuidadosamente o seu interior! Escondido ao fundo, alguém dorme: uma joaninha vermelha com cinco pintas negras. No Outono, a esta hora da manhã, encontrará sempre uma joaninha em cada embrulho da veigela. A esta hora ainda faz muito frio e há muita humidade, e de modo que elas preferem entregar-se ao doce sono da manhã até que o sol esteja mais alto no céu.

Vamos, deixemos o ramo voltar ao seu lugar e afastemo-nos com pezinhos de lã para não perturbarmos a pequena dorminhoca…

Agora, aquele espinheiro amarelo do outro lado! Quer partir este frágil galho castanho? Arranque-o com força e recue rapidamente. Eh lá, como é mole e pegajoso! O pequeno galho recurva-se no ar, irritado com a inopinada interrupção do sono. Cara senhora, não me leve mal a partida: era uma lagarta. Veja lá este surpreendente caso de mimetismo que, apesar de Darwin e de outros, permanece ainda formalmente um mistério. Veja como em cada ramo, por todo

o arbusto, há diferentes galhos. Os mais novos são finos, castanhos-canela, lisos e brilhantes. Os mais velhos, grossos, castanhos-cinza e foscos. E quer ver o milagre? Em cada pequeno galho há, mimetizada, uma lagarta idêntica em largura e cor. Aqui, no galho jovem, uma lagarta castanho-clara muito magra; ali, no galho mais antigo, uma lagarta gorda a puxar para o cinzento. E veja, aqui ao lado, o que se costuma designar por «rebento precoce», como os que habitualmente brotam de roseiras mal-cuidadas no Outono: um galho grosso, esbranquiçado e esverdeado, projectando-se desajeitadamente acima dos outros como uma bengala. É verdade! Neste senta-se uma lagarta gorda e verde-esbranquiçada, que só se distingue do galho olhando bem de perto, e só olhos treinados o conseguem.

O que me diz, cara senhora? Estas pobres criaturas não são responsáveis pela sua forma e cor. Aqui o milagreiro é a grande natureza, seja lá o que for a que damos esse nome. Há, porém, uma espécie de capacidade de diferenciação na escolha do galho adequado ao próprio traje, mesmo sem espelho, uma tentativa consciente de enganar que quase constitui um crime, ao invadir a área de especialização do seu irmão mais novo!... E há mais. Toda a atitude: o ângulo acentuado com o galho, a que cada lagarta se agarra como um galho secundário, a postura rígida, imóvel no ar, toda uma sofisticação no cálculo para ludibriar o olhar agudo das aves que espreitam nas alturas.

Se tocarmos numa dessas lagartas com os dedos, ela encolhe-se, impaciente, e por todo o seu pequeno corpo cilíndrico desfilam ondas avermelhadas, como uma raiva rubra. Ela tenta esquivar-se rapidamente ao impertinente prevaricador para retomar a sua posição de faquir, que considera como a única adequada e honrada. Deixemo-la, portanto, em paz.

O sol, entretanto, subiu bastante e os seus raios já chegam ao pequeno cotoneáster no portão da saída. Conhece, cara senhora, esse arbusto ornamental, com as suas folhinhas tipo murta, com um brilho semelhante ao do couro, tão metricamente dispostas em cada galho que parecem compor uma grinalda de noiva? Uma tal grinalda verde assentaria lindamente na sua cabecinha, imagino-a, exuberante, sobre os seus cabelos castanhos! Não foi só a mim, entretanto, que esse cotoneáster agradou. Uma grande aranha-lobo escolheu-o para morar. Consegue ver, aqui em baixo, acomodada entre os ramos, a enorme e impecável teia recém-tecida? A habilidade e o engenho com que ali foi colocada, contra a luz do sol, para que as moscas ali caídas, cegas pela luz, sejam infalivelmente capturadas na malha! Como se desenha no perfume azul-dourado da manhã outonal, tão clara, tão

precisamente matemática, a traiçoeira rede. A brisa brinca levemente com a construção oscilante que se torce e vibra sem se romper, como uma moderna ponte flexível entre montanhas, entrançada com o mais fino aço – uma obra-prima da engenharia. Ali no canto acocora-se a aranha barriguda, satisfeita com a sua obra, salivando à espera de um generoso pequeno-almoço… Agora que se aproxima o meio-dia, agarro finalmente no meu Homero e recolho-me à minha cela. O bom Homero esperou todo este tempo, paciente, em cima do banco. A senhora também conhece o maravilhoso efeito de um bom livro ao alcance das mãos, mesmo que não se leia. Quantas vezes, à noite, procuro um bom livro que me acalente suavemente até vir o sono. Por vezes, demoro a encontrar o livro certo. Coloco-o depois sobre a mesinha-de-cabeceira, ao lado da cama, sem sequer lhe tocar. Basta-me a sua mera presença. E é por isso que a Ilíada me faz companhia todas as manhãs no meu passeio pelo pátio. Neste Outono, porém, ainda não fui além dos insultos do corcunda Tersites. Mas que importa? Tersites morreu há muito, mas a aranha vive e partilha comigo o breve instante da existência que nos foi destinado pelos deuses.

Uma tarde na prisão passa muito depressa. Agora, no Outono, às quatro da tarde já o céu adquiriu claramente a coloração do iminente pôr-do-sol. E é precisamente nesta

bela última hora de luz estival que os pombos, largando dos seus ninhos em cima da casa ao lado da fábrica de vinagre, escolhem diariamente para um alegre voo colectivo. Veja, cara senhora, como rodopiam sem parar no alto, à volta da casa, como batem as asas e capturam a luz afiada do sol com o branco-neve da parte interna da asa! Agora pousam por um instante no telhado, como um colorido buquê de grandes magnólias brancas, castanhas, azuis-aço, para depois se reerguerem como se obedecessem a uma ordem, dando mais uma dúzia de voltas numa fiel revoada. Temos de aproveitar a tarde, saborear a doce luz solar até ao fim. E mais uma volta, e outra ainda…

Ao mesmo tempo, o ruído surdo, ofegante, persistente no interior da enorme prisão chega ao seu ponto máximo. Parece posicionar-se contra o fim da tarde. O apressado chocalho das chaves e o rumor são ensurdecedores. Por fim, o derradeiro retinir redentor da campainha: um, dois, três… E é então que o ruído se detém, como se tivesse sido cortado por uma grande tesoura. A calma nocturna chega tão brusca e rápida que todos os dias os meus nervos apanham um choque e as minhas têmporas se contraem com uma dor afiada. Agora reina o silêncio. O peito respira aliviado. O pátio emudecido e o gigantesco edifício calado parecem outros: contemplativos, sonhadores…

Já me quer deixar, cara senhora? Oh, por favor, fique só mais um bocadinho! Vejo que olha com espanto para o meu sorriso jovial, para o modo como olho para cima. Sim, lá em cima ainda decorre uma parte importante do espectáculo que tomei a liberdade de encomendar para si… Veja como as nuvens róseas e leves se agrupam no alto do céu! Só Deus sabe de onde vieram! O céu, antes claro e azul, fervilha agora com pequenas flâmulas que brilham no mais delicado rosa, pacíficas, como um sorriso, tão diferentes das nuvens rubras da manhã. O brilho escuro que antecede o nascer-do-sol tem qualquer coisa de semelhante às dores do parto, à sinistra tragédia do pressentimento. Estas nuvenzinhas de fim de tarde são como crianças inocentes a brincar, parecem o toque dos sinos à Hora do Angelus de uma tranquila capela de aldeia.

Todo o céu dança e sorri em tons de rosa. O palco está montado, o espetáculo pode começar. Zim-zim! Ouve os sons metálicos nas alturas, como se fossem elegantes parafusos cromados? E vê as fitas negras relampejando lá em cima? São as andorinhas! Agora, em cada entardecer de Outono, apresentam, na derradeira actuação do dia, o seu animado espectáculo aéreo debaixo das nuvens rosadas, antes de se despedirem e de voarem para o Egipto ou para o México. Vejam como caem, audazes e livres, e como disparam através do espaço luminoso! Zim-zim! Ressoam ainda nas

alturas. Adeus! Adeus! Partimos em breve, mas voltamos no próximo ano! Zim-zim!

Mörike afirma que as andorinhas sabem cantar, e que o fazem sentadas sobre uma árvore. Conhece o seu poema «Uma hora antes do amanhecer»?

Desperto por um pássaro de madrugada,
Na hora mais escura antes do amanhecer,
Pareceu-me ouvi-lo cantar para mim,
Do lado de fora da minha janela numa árvore,
Uma hora antes do amanhecer:

«Mal sabes tu que foste abandonado,
Bem podes lamentar ter nascido:
A tua amada por mais encantos que tenha,
Segura agora outro em seus braços,
Uma hora antes do amanhecer.»

Ó andorinha pára de cantar,
Vai-te embora levanta voo!
Que ela renegou a fidelidade,
E já só desdenha do meu amor,
Uma hora antes do amanhecer.

Não é belo, este poema? Tão simples e cativante como uma canção popular. Mas nunca vi andorinhas a cantar em cima das árvores. O único som da andorinha que conheço e este zim-zim na revoada nocturna.

E de súbito, tal como começou, termina o espectáculo. As andorinhas desapareceram, as nuvens róseas apagaram-se. O anoitecer e a quietude descem frios sobre a terra. Acima da Fábrica de Vinagre Timners a pálida face da lua eleva-se silente. Lá em baixo, no pátio, o gato Mulle ronda em busca de caça sobre as suas patas silenciosas. Tão sinistro como um mágico. Chego a teme-lo. Ele transporta algo dos segredos da noite… Uma mancha negra revoa agora em silêncio diante da minha janela – o morcego…

O dia chegou ao fim, acabou, já não volta. Afunda-se, como uma pérola, no oceano da eternidade.

Dê-me, cara senhora, a sua mão e acompanho-a a casa. Eis a sua mansão coberta de videiras. Muitíssimo obrigada pela sua amável visita aos salões diáfanos da minha fantasia, e espero que se contente com o pouco que uma pobre prisioneira tem para lhe oferecer. Afinal, nem mesmo um rei poderia prestar melhor tributo ao seu convidado do que colocando a seus pés o sol, a lua e a terra em todo o seu verde esplendor. Boa noite, cara senhora!

R.L.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa